

HIPPS, Shane. **Flickering pixels:** how technology shapes your faith. (Tradução: “Pixels vibrantes: como a tecnologia modela a nossa fé”). Grand Rapids: Zondervan, 2009. Resumido por JLHack em set/2011; revisto em dez/2018.

Introdução

Ao ler o livro *Understanding media*, de McLuhan, eu mudei minha cosmovisão e percebi o que minha profissão (marketing) estava fazendo à nossa cultura. Percebi também que seus conceitos tinham profundas implicações para a fé cristã. Afinal, o cristianismo é fundamentalmente um evento de comunicação, baseado na revelação de Deus à humanidade.

Este livro explora o poder oculto da mídia e da tecnologia como modo de entendermos quem somos, quem pensamos que Deus é e como a mensagem de Deus tem sido transformada pela mídia usada. É sobre o modo como Deus se comunica conosco. Somente ao compreendermos como a tecnologia nos afeta poderemos aprender a usá-la em vez de sermos usados por ela.

1. Percepção rasa

É comum não estarmos conscientes das limitações de nossa percepção; ao invés disso, cremos que vemos e percebemos tudo que precisamos.

No Sinai, Deus advertiu seu povo sobre a tecnologia das imagens (Êx 20.4), proibindo o uso de imagens para adoração sem maiores explicações. De alguma forma ele se preocupa com o modo como nos comunicamos.

Platão relata um ensino de Sócrates a seus discípulos, numa estória com dois deuses egípcios: o rei Tamus e o inventor Teut, que inventara geometria, aritmética, astronomia e a escrita. Ele diz: “Ora, o rei de todo o Egito daquele tempo era o deus Tamus... A ele veio Teut para mostrar suas invenções, dizendo que elas deviam ser compartilhadas com os demais egípcios... Quando chegou à escrita, Teut declarou: ‘... Eu descobri uma receita infalível para memória e sabedoria’. Mas Tamus replicou: ‘... Você lhe atribuiu o completo oposto de sua função real. Aqueles que a adquirirem cesarão de exercitar suas memórias e se tornarão esquecidos... O que você descobriu foi uma receita para a recordação, não para a memória. Já quanto à sabedoria, seus discípulos terão a reputação de tê-la sem uma posse real: eles receberão uma quantidade de informação sem a instrução apropriada... E, por estarem cheios da presunção da sabedoria em vez da verdadeira sabedoria, eles se tornarão um peso para a sociedade.’” (Platão. *Phaedrus and the 7th and 8th letters*. Harmondsworth: Penguin, 1973. p. 73).

Tamus e Teut percebem parcialmente a verdade: a escrita leva ao desuso da memória; além disso, embora possa prover novos conhecimentos, isto não é o mesmo que sabedoria. Contudo, ler e escrever nos permitem expandir nossa consciência e aumentar o bem-estar da sociedade. A Reforma teve sucesso devido à disseminação da alfabetização; ao lerem por si mesmos a Bíblia, as massas puderam decidir se apoiaram Lutero.

A tecnologia tanto dá quanto toma. Toda nova mídia em nossas vidas precisa ser analisada. Nossa cultura tem muitos profetas “de um olho só” que percebem apenas o que as novas tecnologias podem fazer, mas são incapazes de imaginar o que elas desfarão. (Neil Postman. *Technopoly: the surrender of the culture to technology*. New York: Vintage Books, 1993. p. 5).

2. Olho mágico

Temos assumido que os métodos de comunicar o Evangelho sempre mudam, mas a mensagem é sempre a mesma. O formato deve mudar à medida que as pessoas mudam. Exemplo: uma tradução da Bíblia é uma nova mídia (uma linguagem diferente).

Contudo, a mídia não é neutra. Marshall McLuhan (o oráculo da era eletrônica) afirma que “a mídia é a mensagem”. Infere-se daí que, sempre que nossos métodos mudam, a mensagem automaticamente muda junto com eles. Métodos e mensagem são inseparáveis. As diversas formas de

mídia têm o poder de nos modelar, independentemente do seu conteúdo! Exemplo: não percebemos o impacto da tv sobre nós; sua luz nos lava e ultrapassa nossa barreira consciente. Hipnotizados pelo conteúdo, não percebemos que a tv reconstrói caminhos neurais em nosso cérebro e reduz nossa capacidade de pensamentos abstratos. Precisamos examinar a mídia à parte de seu conteúdo para sairmos de nosso estupor e percebermos seu verdadeiro poder (como Neo examinando o espelho, e não seu reflexo, após tomar a pílula em Matrix).

Livretos de “olho mágico” exigem uma forma de olhar diferente para percebermos a figura escondida. Para percebermos a mensagem escondida da mídia, também precisamos olhar para ela de formas não convencionais. Precisamos treinar nossos olhos para ir além da superfície.

3. Boneco elástico

Na definição de McLuhan, mídia se refere a qualquer coisa que amplifica alguma capacidade humana. Por exemplo, a roda amplia a função do pé; o telefone, da voz e do ouvido; o esboço amplia a habilidade da mente de compreender e lembrar-se de tópicos complexos. Nesta definição, toda criação humana é uma mídia de um modo ou outro.

Na estória de Narciso, McLuhan aponta que seu erro não foi se apaixonar por sua imagem, mas não a ter reconhecido no reflexo da água. Ele não percebeu que a imagem era mera extensão de si mesmo, dando-lhe poder para feri-lo. Quando não percebemos que nossas criações são extensões de nós mesmos, tais criações se tornam deuses e nós nos tornamos seus servos. Perseu, contudo, usou seu reflexo em seu proveito. Ele soube controlar esta extensão de si mesmo para matar Medusa. Este uso consciente diminui o poder da mídia e a mantém sob controle.

Toda mídia tem quatro dimensões:

- Amplifica alguma capacidade humana
- Torna obsoleta alguma tecnologia mais antiga (muda uso da função)
- Recupera alguma experiência ou mídia do passado
- Elevada ao extremo reverte-se, revelando consequências indesejadas

Ao compreendermos qual mídia do passado é recuperada pela nova mídia, podemos antecipar sua ação reversa. Exemplo: câmeras de segurança recuperam a habilidade das muralhas de protegerem habitantes de uma cidade, mas estas traziam certa vulnerabilidade diante de perigos internos (fogo, [epidemias]); assim também as câmeras em exagero invadem nossa privacidade.

4. Dislexia e engano

Ler e escrever forçam nosso cérebro a operar de um modo não congênito. Leva tempo para dominarmos tal tecnologia; quando isto acontece, nossa consciência é completamente transformada. A introdução da alfabetização em uma cultura altera completamente o modo como esta cultura pensa. Escrever reestrutura sua cosmovisão.

Nós nos tornamos aquilo que contemplamos! Ou seja, nossos padrões de pensamento espeilham as coisas que usamos para pensar. Por exemplo, muitas das diferenças entre o leste e o oeste resultam do simples fato de que os chineses usam um alfabeto pictográfico. Cada caracter representa um conceito. O alfabeto ocidental usa símbolos que representam sons, mas não têm sentido próprio (são fonemas); precisam estar agrupados e organizados em uma sequência linear. Assim, o pensamento ocidental é linear, sequencial e abstrato, tal como seu alfabeto. O pensamento oriental é não-linear, intuitivo, concreto e holístico, tal como seu alfabeto. As ferramentas que usamos na verdade MODELAM o modo como pensamos.

A imprensa já existia na China por 800 anos antes de chegar à Europa, mas não teve os efeitos liberadores que alcançou lá. Isto se deve ao fato da língua chinesa ter mais de 80.000 símbolos (e continua crescendo). O alfabeto fonético ocidental é muito eficiente, pois apenas 26 símbolos podem expressar um infinito número de pensamentos. A imprensa foi um megafone que ampliou o

alcance deste alfabeto. Foi o protótipo de toda mecanização que se seguiu, foi a 1^a linha de montagem. Esta forma sequencial, linear e eficiente de organização visual tornou possível a Revolução Industrial e demais métodos de produção em massa. Além de disponibilizar informação a todos, a imprensa reestruturou nossa imaginação.

Este modo de pensar reestruturou até o Evangelho, que se tornou expresso numa fórmula linear sequencial: arrependimento + fé em Jesus = salvação. Antes da imprensa, o Evangelho era apresentado em vitrais de forma vaga por meio de quadros da narrativa bíblica. Esta nova síntese do Evangelho se tornou o fundamento para a moderna expressão de fé evangélica. Por exemplo, as cartas de Paulo eram dificilmente ensinadas antes da imprensa, pois conceitos abstratos são difíceis de representar em vitrais ou imagens. A imprensa permitiu esta divulgação dos conceitos paulinos redescobertos por Lutero; antes isto seria impossível.

Contudo, quando esta mídia é usada ao extremo, surgem problemas. O raciocínio linear se tornou o meio principal de compreender e propagar a fé. Isto levou à compreensão de que o Evangelho só pode ser recebido pela razão. O apreço pelo misticismo, intuição e emoção decresceu. Os sentimentos se tornaram suspeitos na era da razão. Veja, por exemplo, as 4 leis espirituais. Elas apresentam o Evangelho em 4 proposições lógicas; chegam a até advertir contra confiar em emoções. Assim, a imprensa ajudou a difundir o pensamento intelectual, mas levou à desvalorização do coração, reduzindo as pessoas a seres cognitivos, racionais.

Isto é um problema porque nossas emoções são fortes governantes do nosso comportamento e não são facilmente suprimidas. O coração não aceita ser ignorado. O efeito mais devastador desta supressão é a diminuição do desejo pela vida, amor e Deus. Passamos a esperar menos da vida. Deus se torna domesticado em nossas mentes; passamos a conhecer *sobre* Deus. Mas conhecer a Deus vem da experiência direta alimentada pelo desejo. Mesmo nossos desejos mais escuros (os pecados) são desvirtuamentos do Desejo Original que nos leva a Deus.

5. Mensagens subliminares

A palavra impressa transmite uma poderosa mensagem subliminar. Ela nos diz que somos indivíduos que devemos pensar objetiva, abstrata e racionalmente.

As pessoas em culturas orais têm uma memória fantástica; o conhecimento é compartilhado com todos para não cair no esquecimento. A escrita nos permite pensar sem a preocupação de esquecer nossas conclusões; encoraja-nos a pensarmos sozinhos. Este isolamento fortifica nosso individualismo. Nas culturas orais, a identidade da pessoa está ligada à da tribo; a tecnologia da escrita (independente do conteúdo) quebra este padrão e amplifica o valor do indivíduo.

Para os cristãos, isto favoreceu certas disciplinas como a “meditação individual”. Culturas orais desenvolvem sua espiritualidade de forma comunitária; foi o que aconteceu na Idade Média devido ao analfabetismo geral. A alfabetização da era moderna gerou um Evangelho voltado para o indivíduo e sua fé. Reduziu-se a perdão como uma transação individual, busca de moralidade pessoal, busca de precisão doutrinária. Enfraqueceu-se o senso comunitário da fé. A comunidade passou a ser uma coleção de indivíduos que se relacionam cada um com Jesus. A fé, que era pessoal, passou a ser assunto particular.

Escrever nos permite separação de nossos pensamentos e sentimentos e observação deles de um ponto de vista exterior no tempo e no espaço. Isto produz objetividade, clareza intelectual, perspectiva e precisão. Mas também gerou a crença de que nossa objetividade é absoluta. Passamos a ler as Escrituras na ilusão de que podemos conhecer a mente de Deus com clareza. Assumimos que a Bíblia apresenta um conjunto objetivo de proposições que qualquer um pode descobrir com o treinamento adequado e suficiente tempo. Isto gerou arrogância teológica no meio evangélico.

Entretanto, não podemos fugir de nossa subjetividade. As narrativas bíblicas são lidas com maior ou menor ênfase dependendo do nosso próprio contexto. Estas narrativas falam a diferentes pessoas em contextos bem divergentes. A Bíblia é uma grande estória, com uma mensagem complexa

de muitos níveis e texturas. Ao reconhecermos os limites de nossa subjetividade, podemos nos abrir para o crescimento e descoberta.

6. Fé elétrica

O relativismo moral da era pós-moderna afirma que não há mais uma verdade absoluta. Há a minha verdade e a sua; ambas são aceitas, mesmo se contraditórias. Isto começou com a invenção do telégrafo em 1844. Nós modelamos nossas ferramentas; depois nossas ferramentas nos modelam (McLuhan). Até o telégrafo, a comunicação viajava lentamente; era ambientada num contexto histórico que lhe dava coerência. Depois, passou a viajar cada vez mais rápido; a notícia passou a ser apresentada nos jornais em um mosaico de fatos sem conexão entre si.

Antes a informação era organizada para aprofundar nossa compreensão e sabedoria. Agora a informação se tornou algo vendido e comprado, cujo preço se determina pela rapidez de sua propagação e não pelo seu valor. A história passou a ser irrelevante; não há base racional para valorizar algo específico acima de outras coisas. A Internet é apenas a extensão do telégrafo. Nosso desafio hoje é saber como priorizar e encontrar significado neste mosaico de notícias disponíveis.

Este novo meio de comunicação nos transmitiu uma nova mensagem subliminar: a verdade é como uma informação; tudo é relativo e precisa ser avaliado criticamente. Nosso pensamento espelha o padrão de nossa mídia; assim é natural negarmos a existência da verdade absoluta. Não mais conseguimos crer numa única grande narrativa que unifique e explique tudo o que existe. Isso é considerado absurdo e até arrogante!

O que acontece quando acessamos informação demais? Há diferenças importantes entre informação, entendimento e sabedoria. Lembre-se da estória de Tamus sobre o engano que a escrita gera. A informação sozinha é como uma força sem coordenação num adolescente: pode ser perigosa contra nós mesmos. O entendimento é a habilidade de coordenar esta informação crua de um modo significativo, mas isto ainda pode ser um perigo a outros. Sabedoria é como, quando e por que usar este entendimento. A Internet provê apenas a informação crua. A Era da Informação não nos encoraja ao desenvolvimento da sabedoria. Para obtê-la se requer tempo, experiência, contemplação, paciência, sofrimento, e até quietude. O mar agitado da informação não sossega o suficiente para que a sabedoria se desenvolva. Ficamos apenas com o engano de sermos sábios. Esta Era acabará gerando uma puberdade permanente da mente.

7. Mil sentimentos

No meio do século 19, a fotografia foi inventada, gerando a Revolução Gráfica juntamente com a prensa e o telégrafo. Hoje cada parte de nossas vidas é influenciada e modelada pelo poder da fotografia. As imagens têm o incrível poder de gerar necessidades em nós que não existem naturalmente.

As imagens comunicam informações de modo mais eficiente que as palavras. Contudo, são modos complementares de comunicação com efeitos totalmente diferentes. A frase “o menino está triste” não mexe com nossas emoções, mas a imagem de um menino chorando nos impacta diretamente. Imagens de início nos fazem *sentir* em vez de *pensar*; não nos convidam a argumentar, mas nos dão uma experiência. Nosso cérebro apreende a imagem de uma só vez, enquanto as palavras são processadas linearmente. As imagens modelam dramaticamente o modo como nós pensamos. Elas nos apresentam intuições e experiências. Por exemplo, um candidato político é eleito por ser atraente e *parecer* confiável; estas avaliações subjetivas são basicamente baseadas na imagem visual. As imagens reduzem nossa capacidade de pensamento abstrato e aumentam nossa apreciação pela intuição e pelas emoções.

Da mesma forma, o simples uso da tv nos modifica. Não é o conteúdo que faz isso, mas a exposição a este tipo de mídia. O mosaico de luzes piscantes reconfigura nossos caminhos neurais. A imagem da tv é extraordinariamente estimulante para o cérebro, mas não de um modo saudável. Ela

não desenvolve nem requer qualquer capacidade mental. Enquanto a leitura é como proteína cerebral, a tv é simplesmente um docinho. Ler desenvolve a paciência, mas a tv gera um estado catatônico. Palavras escritas estimulam e liberam nossa imaginação, mas as imagens geralmente a limitam e cativam. A cultura das imagens está produzindo a erosão da criatividade imaginativa. Uma imaginação fraca torna mais difícil a resolução dos problemas cotidianos. Nossas mentes se tornam letárgicas sob a torrente de imagens; elas aguardam novos estímulos frescos.

Há um lado positivo nisto tudo. A fotografia gerou um novo enfoque na pessoa de Jesus como centro de nossa fé. Na era da escrita, os escritos doutrinários foram valorizados em detrimento das estórias sobre Jesus (evangelhos). Hoje há uma preferência por parábolas e estórias em detrimento de teologia e doutrinas. O cristianismo volta-se agora para uma ética concreta em detrimento de doutrinas abstratas. Enfatizamos mais hoje como nos comportamos do que em que cremos. Falamos mais em seguir Jesus do que em crer nele.

Enquanto a era da escrita gerou a teologia sistemática, agora vemos surgir a teologia prática. No contexto atual pós-moderno, temos todas as respostas para questões que ninguém está fazendo. As pessoas querem ver o que minha fé produz em minha vida diária e pelos outros. Nossas crenças são julgadas por seus frutos.

8. O interruptor e o dimmer

A conversão dos apóstolos na Bíblia não foi como um interruptor de luz. Foi mais como um dimmer: lenta conversão, processo gradual. Paulo, contudo, foi um interruptor. Como consequência da era da escrita, a conversão era valorizada como um momento distinto na vida. A escrita favorece a criação de categorias e classificações. Mas isso não funciona bem na área espiritual. A mudança da categoria de não-crente para crente é raramente clara e inequívoca.

Na medida em que as imagens passam a dominar nosso mundo, nossa preocupação em criar categorias discretas se torna menos urgente e interessante. O evangelismo atual valoriza metáforas como jardinagem, diálogo e dança (processos) em detrimento de debates e julgamentos (evidências que exigem um veredito). Em nossa era atual, um seguidor sincero de Jesus não precisa ser necessariamente um crente ortodoxo! Esta categoria de discípulos não pareceu incomodar Jesus (como foi o caso de Tomé)!

9. O roubo das almas

Enquanto a geração passada tinha seus heróis (pessoas que fizeram algo notável), nós hoje temos celebridades (pessoas que simplesmente são famosas). A fotografia pode gerar orgulho e roubar nossas almas. Pessoas em alta projeção na mídia começam a acreditar na imagem apresentada (persona) e perdem o senso próprio.

A fotografia contribui para o crescente narcisismo de nossa cultura. Estamos obcecados pela forma física e sempre depreciamos o que temos hoje. Veja-se a campanha da Dove sobre as alterações feitas sobre a imagem de uma modelo para compor a arte final dos anúncios. Mesmo a beleza natural de uma supermodelo não é mais bela suficiente para nosso deleite. As imagens cativam nossa atenção para a aparência das coisas e para longe da vida interior; isto tem sérias implicações para nossas almas. As imagens nos deixam preocupados com os cosméticos da vida. Talvez Deus estivesse com a razão quando proibiu seu povo de fazer imagens!

10. Juntos, mas longe

O celular traz o grande benefício de facilitar a conexão de pessoas que estão longe (propaganda da AT&T). Isto se originou com diversas invenções do século 19, entre elas o rádio. O rádio gerou uma retrabalização da nossa cultura (McLuhan), pois levou ao compartilhar mútuo de experiências orais entre as pessoas. A tv estendeu isto ainda mais, revertendo o individualismo da era da escrita. Um indivíduo tem um ponto de vista único, mas isto desaparece num programa de tv. Milhões de pessoas acompanharam a tragédia de 11/09/2001 ao mesmo tempo. Com o tempo passamos a nos

sentir conectados com outros que assistem ao mesmo programa que nós.

Outra propaganda de celular (um casamento “eficiente” da Nextel via celular) revela que os celulares nos tornam mais eficientes. Contudo, a propaganda revela também que os celulares em geral erguem barreiras artificiais entre as pessoas. Eles separam quem está perto! Ou seja, o celular nos conecta com quem está longe, mas nos desconecta de quem está perto.

Se a cultura oral era tribal e a cultura do livro é individualista, a era eletrônica é essencialmente uma tribo de indivíduos. É um estado confuso em que nos unimos em uma aldeia global, conectando-nos com desconhecidos de longe em busca de uma identificação comunitária. Mas esta condição pode ser facilmente desfeita pelas pequenas decisões. Certo amigo com quem almoçava recusou-se a atender seu celular insistente e me explicou: “Você dedicou tempo e esforço para estarmos juntos. Quem está me ligando não fez isto.” Ele estava presente onde seu corpo estava! Priorizar quem está fisicamente presente pode ter um efeito transformador em nós quando tantos estão digitalmente ausentes.

Esta colisão de eras anteriores também gera uma paradoxal empatia à distância. Quando vemos catástrofes em outros lugares pela telinha, temos uma reação imediata de solidariedade e de estender nossa ajuda a quem precisa. São decisões emocionais, pois são geradas pelas imagens; elas têm curta duração. Desta forma, por outro lado, a tv também encoraja nossa apatia a longo prazo, pois não temos estrutura para suportar o sofrimento presente no mundo inteiro. A longo prazo, esta apatia solapa nossa habilidade de estendermos compaixão às pessoas próximas em nossa cidade. Nós somos humanos, construídos para nos solidarizarmos com o sofrimento à nossa frente e para agirmos e reagirmos a ele. Exposição a este sofrimento revitaliza nosso instinto de compaixão.

11. Nossa vida nômade

Intimidade com alguém ocorre quando você é convidado a compartilhar algo exclusivo de sua vida. Há vulnerabilidade e profunda confiança. Se tudo é compartilhado, não há mais intimidade. A Internet tende ao exibicionismo, erodindo a intimidade real entre as pessoas. Há até uma ilusão de intimidade com pessoas com quem nunca nos encontramos (por exemplo, quando vemos fotos da família de meros conhecidos no Facebook).

Esta intimidade anônima digital tem um efeito estranho. Ela nos provê apenas o suficiente de conexão para não buscarmos intimidade real com outros. A comunicação virtual envolve menos riscos; a vulnerabilidade é opcional. Comunidades virtuais são mais virtuais que comunais: são como balinhas – satisfazem a fome imediata, mas estragam o apetite e não provêm nutrição adequada.

Muitas comunidades de fé estão em busca desta conexão virtual. Mas isto pode se voltar contra elas. A rede social digital vacina as pessoas contra o desejo de estarem fisicamente presentes com outros em redes reais (como a igreja). A conexão virtual nos permite estarmos constantemente em contato com os outros; mas há uma grande diferença entre estar “em contato” e realmente se conectar com os outros. O encontro pessoal sempre gera um trabalho mais agradável e, ao final, mais eficiente do que o feito por meios eletrônicos.

E-mails geram muita comunicação truncada, pois lhes faltam a linguagem corporal, a entonação, o contexto. Não é possível tentar reconciliações via e-mail; é preciso estar presente. O ambiente virtual gera cada vez mais conflitos eletrônicos. Em geral estes desentendimentos podem ser evitados e/ou resolvidos simplesmente ao falarmos com as pessoas diretamente (veja Mt 18.15). Precisamos apagar os e-mails de reação às ofensas recebidas e irmos tratar pessoalmente do caso.

12. O inimigo vizinho

Os anos 60 geraram um movimento de viver em comunidades, compartilhando tudo com os outros. Contudo, 90% destas experiências falham e geram ferimentos emocionais. Parte desta falha se deve à nossa incapacidade cada vez maior em gerir conflitos interpessoais. A despeito da força de retrabalização da mídia eletrônica, ainda somos uma cultura intensamente individualista. Ainda somos

uma nação de leitores e o individualismo é tecido em nossas fibras desde a infância.

Além disso, desenvolvemos uma existência errante, em constante fluxo eletrônico. Mas por encontrarmos constantemente outros errantes no mundo virtual, nem percebemos nosso isolamento. Temos um impulso de busca por comunidades, mas também uma aversão a elas devido à nossa necessidade de espaço pessoal e privacidade.

Jesus nos comanda a amarmos o nosso inimigo e também o nosso próximo. A distinção entre eles em nosso mundo virtual é irrelevante, pois a convivência logo produz conflito e não sabemos mais como resolvê-los. Precisamos aprender a aceitar o conflito interpessoal como parte natural dos relacionamentos humanos; assim tiraremos muito do seu poder destrutivo. Aliás, nas circunstâncias corretas, eles podem até produzir crescimento e intimidade. Para nos ajudar nisso, vejamos este documento menonita “Concordando e discordando em amor”:

“Como membros individuais e como Corpo de Cristo, nós nos comprometemos a:

No pensamento

- Aceitar conflitos: reconhecer juntos que conflitos são uma parte normal da vida da igreja (Rm 14.1-8,10-12,17-19; 15.1-7).
- Afirmar a esperança: na medida em que Deus anda conosco no conflito, afirmar que podemos trabalhar em direção ao crescimento (Ef 4.15-16).
- Compromisso de oração: admitir nossas necessidades e investir tempo em oração por uma solução mutuamente satisfatória (sem orações por meu sucesso pessoal ou para que o outro mude, mas para encontrar um meio termo) (Tg 5.16).

Na ação

- Ir ao outro: buscar diretamente aqueles de quem discordamos, evitando críticas pelas costas (Mt 5.23-24; 18.15-20).
- Em espírito de humildade: buscar com gentileza, paciência e humildade. Colocar o nosso conflito sem apontar as faltas do outro ou jogando a culpa do outro lado, mas reconhecendo nossa parte no problema (Gl 6.1-5).
- Rápido para ouvir: ouvir com atenção, sumarizar, conferir o que foi ouvido antes de responder. Buscar tanto compreender quanto ser compreendido (Tg 1.19; Pv 18.13).
- Lento em julgar: suspender julgamentos, evitar rótulos e xingamentos, descartar ameaças e agir de modo não-reactivo e não-defensivo (Rm 2.1-4; Gl 5.22-26).
- Desejoso de negociar: lidar com o problema de forma construtiva, celebrar pequenas concordâncias ao longo do caminho, cooperar com o entendimento emergente (At 15; Fp 2.1-11).

Na vida

- Firme no amor: permanecer firmes em nosso compromisso de buscar uma solução mútua; teimar em se apegar à base comum em Cristo; constantes no amor (Cl 3.12-15).
- Aberto à mediação: aceitar ajuda de outros. Se não conseguimos alcançar entendimento sozinhos, usaremos aqueles com dons e habilidades em mediação na igreja (Fp 4.1-3).
- Confiança na comunidade: confiar na comunidade. Se não chegamos à reconciliação, deixaremos a decisão a outros na congregação (At 15).
- Corpo: crer e depender da solidariedade do Corpo de Cristo e em seu compromisso com a paz e a justiça, sem recorrer a tribunais civis (1Co 6.1-6). ”

Para alcançarmos uma comunidade autêntica e significativa, precisamos ter uma teologia prática de conflitos. O *modo* como discordamos importa mais do que o *conteúdo* da discordância.

13. Rejuvenescendo

Na medida em que a tecnologia leva o acesso à informação a mudar, as estruturas de poder também mudam. Isto se revela bem no avanço das crianças em dominar o mundo digital, enquanto seus pais se sentem cada vez mais perdidos na tecnologia atual. Esta mudança marca a 1^a vez na história do mundo em que os pais têm pouca compreensão sobre o mundo de seus filhos.

Na época da escrita, ler dava poder aos adultos e separava seu mundo das crianças. Crianças que desejasse entrarem neste mundo precisavam dominar este código de acesso. A era do rádio e da tv mudou isso, pois estes não têm um código de acesso; todos podem compreendê-los, nenhuma habilidade é necessária para isso. Vemos na era atual o desaparecimento da infância.

Com a evolução da era digital, a situação se reverteu. Os adultos estão desaparecendo; o poder é controlado pelas crianças. A linguagem digital tem seus próprios códigos de abreviação; os adultos não conseguem compreendê-la. Uma simples transcrição ilustra isso:

- 411! F2T? Tradução: Eu tenho novidades! Você pode falar? (Free to talk)
- #-) but =W= 4U F2T Tradução: Festei a noite inteira, mas whatever, para você posso
- 420 4life & :-d~? Tradução: Conseguí maconha. Você quer ficar alto?
- %\ & no cheddar Tradução: Tô de ressaca e não tenho grana
- CD9 Lates Tradução: Pais por perto. Até mais!

Os adolescentes se comunicam e os pais, como crianças, nada entendem. Isto dá imensa liberdade aos adolescentes; é uma terra sem supervisão. Estabelecer limites é algo extremamente importante para o bom desenvolvimento dos jovens. Os limites são uma expressão poderosa do amor e da proteção paterna. Sem limites, as crianças experimentam ansiedade e insegurança inconscientes. Elas irão testar seus limites até encontrar esta demonstração de amor e proteção. Se não encontrar, seu desenvolvimento se interrompe e a adolescência se estende até a vida adulta.

Os pais temem que seus filhos fiquem perdidos no mundo digital e por isso não querem impor restrições. Mas as crianças não precisam de ajuda com tecnologia. Elas são nativas neste mundo. Além disso, ficar fora deste mundo durante os anos mais importantes de desenvolvimento é possivelmente uma excelente ideia.

Numa cultura que adora a juventude, que incentivo nossos filhos têm para amadurecer?

14. O cérebro pródigo

A era da imprensa priorizou o uso do hemisfério esquerdo do nosso cérebro, levando-o a desenvolver raciocínio crítico, lógica, ordem e pensamento abstrato. A invenção da fotografia mudou isto tudo, erodindo nossa dependência da palavra escrita. As imagens trouxeram o hemisfério direito do cérebro de volta à ação.

A era eletrônica, com seus blogs, e-mails e texting, mudou completamente o modo como lemos hoje. Diferente do texto sequencial dos livros, a Internet nos apresenta um hipertexto sem começo, meio e fim. O hemisfério direito recobrou para nossa era intuição, emoção, percepções holísticas e reconhecimento de padrões. Enquanto o hemisfério esquerdo é como um teólogo dogmático, o direito é um místico intuitivo. O problema desta volta é que a mídia eletrônica valoriza apenas o hemisfério direito, às vezes até suspendendo o uso do esquerdo. A Internet espalha nosso intelecto por todo o mundo, mas o deixa com meio centímetro de espessura.

O protestantismo é fruto da Bíblia impressa. Sem ela não haveria desafio à autoridade do papa. Numa cultura que se esquia de ler livros complexos, não é de se admirar que as pessoas estejam cada vez mais analfabetas bíblicamente. Sem músculos do lado esquerdo, não conseguem compreender o seu conteúdo e vivem em estado de estupor hipnótico.

Precisamos chegar a um equilíbrio sadio no uso dos dois hemisférios. Apenas isso nos equipará a enfrentar os novos desafios deste novo mundo admirável. Este equilíbrio pode ser alcançado

por meio de um relacionamento intencional com nossas tecnologias.

15. Um espelho obscuro

Nada é inevitável no mundo da mídia. Não existe um efeito irreversível na mídia. Se estivermos conscientes de seus possíveis efeitos, a mídia perde seu poder de nos controlar.

Como vinho novo em odre novo, precisamos atualizar tanto nossa mensagem como nossos métodos de comunicação. Com a cultura da imagem, agora o Evangelho se move para além de proposições cognitivas e fórmulas lineares para abraçar o poder da estória e intuição. Salvação agora é vista como um processo gradual (não algo súbito); precisamos seguir Jesus em todos os aspectos da vida (não apenas com a mente); o Evangelho transforma o mundo agora (não apenas o porvir).

Ao afirmarmos que o Evangelho é imutável, dizemos que compreendemos a totalidade das intenções de Deus, que se aplica a todos os tempos e lugares. O Espírito Santo se torna irrelevante, pois não precisa mais aplicar o ensino antigo aos novos contextos.

Precisamos de modesta ousadia. É o único modo de conciliarmos convicções pessoais radicais e fortes com o respeito e generosidade para com as convicções dos outros. Isto gera um forte compromisso de vivermos aquilo em que acreditamos, mas sem forçar os outros a concordarem conosco. É reconhecer que agora vemos apenas obscuramente (1Co 13.12). Não é afirmar que nada podemos saber, mas sim que não podemos saber tudo.

16. O Deus da mídia

Ninguém diz que Deus se importa com mídia e tecnologia, mas sua preocupação com isto está registrada em Ex 25.9-21. A arca da aliança era uma mídia projetada para receber a presença de Deus entre seu povo. Do mesmo modo ele detalha várias outras mídias nos seis próximos capítulos. Por que ele não se preocuparia com a mídia atual?

Deus é bem comunicativo e usa diversas mídias para transmitir sua mensagem. Todavia, é também bastante intencional no modo como conteúdo e mídia se complementam. Escrever os 10 mandamentos em nuvens passageiras impactaria de forma diferente do que entregá-los gravados em pedras. No entanto, é em Jesus que a mensagem e a mídia de Deus são unidos de forma perfeita. Deus se revela na vida de Jesus como o Deus presente e de amor.

Não podemos separar o conteúdo da forma. A mensagem do Evangelho é hoje entregue por meio da vida da igreja no mundo. A igreja não foi chamada apenas para proclamar o Evangelho, mas para ser vista pelo mundo. Nós somos a mensagem. Isto não significa que nosso objetivo é a perfeição. Ao invés disso, devemos buscar ser, pela graça de Deus, uma comunidade de humildade, arrependimento e esperança autêntica.

17. A todos vocês

A igreja é o meio e a mensagem de Deus. É a encarnação de Jesus hoje, seu Corpo. Mas é difícil descrevê-la; é mais fácil ver seus efeitos sobre outras coisas. A igreja é o templo do Espírito Santo (não eu individualmente; veja plurais e singular em 1Co 6.19-20). Do mesmo modo, Jesus diz que a igreja (vocês, no plural) é a luz do mundo e o sal da terra.

Conclusão: Seja flexível

Quem não se dobra, quebra. Em vez de lutarmos contra as forças da cultura, devemos estudá-las e entendê-las; só assim poderemos usá-las sem ser usados por elas. Precisamos estar conscientes do poder da mídia; devemos olhar por trás da aparência das coisas e aprender a sermos flexíveis.

As tecnologias são meras extensões de nós mesmos. Somos nós que somos a mensagem.